



JUDITE FERNANDES

Penumbra@

Para Olivia e Maria, avós, memória que me fez gente.

A *Penumbra@* e o *Abraçando o lastro* seguem, desta vez, incompletos. Faltam-lhes poemas. Não escritos, mas pintados. Por razões alheias à poesia, que se encerra e liberta num mundo humano que não incluí as questões legais (que, muitas vezes, sobrepõem a forma ao conteúdo), não foi possível fazê-lo. Por isso dedico também estes livros ao Luis, meu grande companheiro, que me desenhou os poemas que faltam. E espero um dia poder editá-los completos.

(procura-se)

“alguém que nos ampara, nos aprova, por vezes nos combate; (...) que partilha connosco, com igual fervor, as alegrias da arte e as da vida, os seus trabalhos jamais aborrecidos e jamais fáceis; (...) alguém que não é a nossa sombra, nem o nosso reflexo, nem mesmo o nosso complemento mas ela própria; (...) alguém que nos deixa divinalmente livres e, contudo, nos obriga a ser plenamente o que somos”.

Marguerite Yourcenar, in *Memórias de Adriano*

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quinta-feira, 4 de Novembro de 1999
Assunto: _____

sou algo
como um campo
ciclicamente lavrado
onde ninguém semeia.

04-11-99

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Quarta-feira, 17 de Novembro de 1999
Assunto: _____

um campo, pois.
um campo plano, lavrado de açucenas,
perpetuamente deitado ao sol e à chuva.
tudo acontece.
os ciclos, o tremer da aragem na terra, o
suave sulco da pata de um melro, os banhos
de prata do inverno, tudo em si se renova
sem mãos, sem que se mexa um músculo,
apenas deitado, pois, debaixo do ar dourado
de um inclemente verão.

17-11-99

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Sábado, 11 de Dezembro de 1999
Assunto: _____

pois. do inclemente verão ainda me recordo,
sempre me recordo, a terra aos bocados,
sem semente, sem sequer o mágico acaso
de uma semente perdida aos ventos de
inverno. nada, só terra chupada e o calor
a passar, sempre de passagem, o campo
sempre igual, abrindo fendas dolorosas no
limite da secura, com medo que, finalmente,
a única metamorfose seja a de uma estrada
infértil e pisada de betão.
tenho então medo de me fecharem finalmente
numa estrada onde é impossível semear, ou
seja, tenho medo de ser um campo morto.
não quero, que ainda espero a primavera.

11-12-99

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 13 de Dezembro de 1999
Assunto: _____

escuta,
estou atrás do rio,
de olhos vazios,
à espera, espera, espera de, esperas?
quero ser mais longe do que sou
através da tua vida
na minha,
através do teu canto,

em tuas palavras,
de ti

invisível
espero
o mundo, a lua, eu.

13-12-99

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Segunda - feira, 20 de Dezembro de 1999
Assunto: _____

ao teu ninho encolhido de céu
agradeço
a boca aberta do vento
que se amplia entre os cedros,
ouve.

prometo estar lá,
à espera do banho de sol nos pés,
da água límpida do orvalho nos cardos.

20-12-99

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Sábado, 1 de Janeiro de 2000
Assunto: _____

foram as primeiras de todas as palavras...

corri à beira mar,
o desespero nos pés,
a socorrer a minha angústia.
revi o mar cuidadosamente:
as ondas ainda se enrolavam em si
mesmas
a espuma era branca
o mar azul
nada mudou extraordinariamente.
apenas eu estou um dia mais velho,
um ano depois
num século novo.

tu existes?

01-01-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Segunfa-feira, 3 de Janeiro de 2000
Assunto: _____

não sei.

sou a mesma folha seca
que atravessa
as páginas em branco do teu livro,
com um lírio o faz,
deixando em cada espaço limpo
o aroma pendente
de apenas uma das suas pétalas.

... no meu livro
escrevo um amor tão tranquilo
fugaz,
irreal,
como o lago de águas fundas
que separa os nossos corpos
e entrelaça os nossos dedos.

03-01-00

então o lírio,
ou a tua voz que não oiço,
ou o baço tinir da tua pele fina que não
existe,
ou o gorgorejo com que me abraça o teu
cabelo
(que do meu sonho ainda encerro um fio)
arrepiam devagar o meu corpo insente.

assim é.

é tarde, foi sempre tarde,
foi sempre no primeiro e no último suspiro
da eterna noção vaga
de todo o tempo que me atravessou
como uma tempestade,
e que começou
porque tu existes.

03-01-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Sexta-feira, 21 de Janeiro de 2000
Assunto:

esse sonho
essa impressão indelével mas sempre
desfocada...

essa insónia repetida
de noites estranguladas
em que, finalmente,
espero acordar,
guardam parapor ti
uma impressão viva, uma expectativa
uma gota
descida das tuas pálpebras para as minhas
mãos,
e dois buracos
de contornos infinitos
que somos tu
e eu.

21-01-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Terça-feira, 15 de Fevereiro de 2000
Assunto:

eu sei.
é nas margens desse rio,
desse mesmo local que te afugenta e te
suga de pé
onde sei que moras,
nesse mesmo limite de sombra
que é o fim de uma tarde,
que nós perecemos e nos encontramos.

não há nenhum rasto na minha sombra.

de lado, apenas o verde alonga os campos
e se escutam o murmúrio das águas,
hora após hora, tanto,
que de tanto, o som se infiltra
na doce penumbra da memória,
se varre como um gesto
e se apaga.

15-02-00

assim sou eu,
as minhas horas são tão milimétricas como
a minha sombra
e a nossa simetria.

sei que tu hás desde
que a chuva
não pare de cair no inverno.

15-02-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Terça-feira, 22 de Fevereiro de 2000
Assunto: _____

onde o ponto a vírgula o parágrafo
se desenham
nesse momento gigantesco de pausa
de qualquer sentimento,
aquele em que tu desapareces,
cobre o meu pavor.

nada te faltará.
os fragmentos que explodirem,
os pontos puros da alma
são também teus
tão teus como esse momento de pausa
algures,
essa suposta ilusão,
em que me dou
tanto que a dor me invade,
uma dor estranha,
repleta de luz e mágoa
e excitação
e corpo
e medo

22-02-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quarta-feira, 8 de Março de 2000
Assunto: _____

onde começou esse encontro
mais íntimo comigo
do que eu próprio faço?
onde, nessa linha fina
em que o sol explode?

traz do chão a redundância do tempo,
e do fino espaldar do leito,
do ronco do corpo que significa despertar
contemplo:

releio do teu suor as letras,
o que espremo
satisfaz em parte
a fúria branca, plana e crua do dia que
nasce.

08-03-00

porque também me magoaste,
pois sou tão de ti que raspa.

o meu sorriso
é do teu segredo,
das pedras,
do irregular dos passeios,
do contorno brusco da secretária,
de todos os momentos em que olho para
trás,

mas não é meu.

para ti,
que adormeço,
um sonho se escreve, doce, atrás das
pálpebras.

08-03-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 20 de Março de 2000
Assunto:

os homens são risos, sombras,
penumbra
cortes curvos em linhas fechadas
que mesmo em sombra se esticam
e procuram respirar num poro,
um minúsculo poro,
da pele milenar de uma árvore
da bestial saciedade de um trevo
do absoluto vagar, sem razão,
de uma lesma.

ao perceber isto hoje, deitei-me.
deitei-me e afoguei-me de ti,
respirei pela nossa solução ávida
com a fome segura do corpo
em que me atravesso
como um prato,
sem fundo,
nem descanso.
para que nesta noite
não faça o tortuoso retorno maquinal à
minha alma
que sempre fiz. mas um novo,
contigo.

20-03-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Sábado, 1 de Abril de 2000
Assunto:

esta noite também eu, sou de ti.

não há som mais recatado que este,
desta chuva permanente
de um corpo absolutamente nu,
que se entrega, como eu me entrego
numa criação contínua
de murmúrios e de gritos

do desespero
que a pele faz
num corpo excitado
- em toda essa avalanche -
te encontro
e o dia prolonga-se, aumenta,
estica,
todo ele encanto.

01-04-00

de cada movimento
impresso no ecrã
e revisto hoje
rebenta a boca
com o mesmo sorriso que durante milénios
sempre encontrou a mais enlouquecedora
paixão.

01-04-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>

Para: Ágila <agila@penumbra.org>

Data: Sábado, 8 de Abril de 2000

Assunto: _____

mal pensava.
lá estava no jardim de onde partiu toda a
minha infância. concentrei-me no desenho
absurdo da minha história, em como cheguei
a ti, a infinita pausa do meu desespero de
séculos. entrego-me sabendo vazia toda
a massa entre as costas e o peito. está
apenas incrustada em mim, preso entre
ilhas, expectante. sempre o foi assim.
uma imagem repete-se. é no campo,
caminhamos juntos. paramos por minutos
e deixamos falar a noite. nada nos escapa
neste momento, tudo é nosso. nesse exacto
momento vejo o teu corpo: é igual ao meu.

tenho mais sete minutos. o meu tempo
não é meu. comove-me pensar que esta
desindividualidade do tempo percorre a
humanidade.

08-04-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Terça-feira, 25 de Abril 2000
Assunto: _____

bebo
durmo
 como
 lembro-me, sorrio
 durmo
 bebo
 vejo-te, sorrio
 bebo
 como
 acordo

tu estás lá,
do outro lado da minha pele,
no sonho.
levanto-me com força
estou capaz de voar

P.S: escreve ainda hoje

25-04-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 1 de Maio de 2000
Assunto: _____

uma ave pousa no ramo longo do cipreste
a mesma ave roça no pano translúcido
desta janela matinal,
a minha camisa.
uma ave ainda mantém frio o jardim.

o ramo longo dobra-se
entranha-se na terra
semeia no braço que o dobrou
inflecte-se, irrompe,
brusco abre a janela ao ar límpido da
primavera,
ao seu vento perfumado e romântico.

deve haver algum perigo
na minha, tua pele.

01-05-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 15 de Maio de 2000
Assunto: _____

um véu lento descobre o rosto, o teu reflexo
ainda se imprime na retina. julgo que
enlouqueço. penumbra cobre o quarto sem
tecto. penumbra, apenas penumbra.

meu amor....

15-05-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 22 de Maio de 2000
Assunto: _____

meu amor...

as palavras não têm fim.

meu amor são palavras minhas,
meu amor...
minhas como nada foi meu
esfregam-se na boca
entram
têm sabor, perfume
massa, cor. têm textura...
e eu toco meu amor. eu...
eu, teu amor,

também estou capaz de voar.

22-05-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Terça-feira, 23 de Maio de 2000
Assunto:

olha: os sonhos percorrem o sono do meu país, o país todo se descobre, o calor aquece tanto os quartos que os lençóis pegam fogo. uns correm, fogem, outros encharcam as camas. ninguém sabe a causa desta doença enloucada, ninguém sabe que sou eu que inflamo a cidade, que é o teu amor que é combustível, que me agarraste tanto o corpo que ele é para sempre teu e tão grande que cobre a cidade e devora o país.

23-05-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Terça-feira, 13 de Junho de 2000
Assunto:

E se?

13-06-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quinta-feira, 6 de Julho de 2000
Assunto: _____

não.

não tentes tocar o que não sabes se existe.
nos teus olhos,
atrás da superfície côncava do teu lobo
frontal,
agarrado ao teu perfil,
está o que eu não sou,
como em mim
está o que anseias e que não há.

e o meu corpo
anseia mais pela absurda e extrema
realidade das tuas palavras,
deste penetrar no teu corpo sem o ver
do que observá-lo fosco
no fundo rugoso da bestialidade
de um arranha céus envolto em monóxido
de carbono
ou da indizível desumanidade
do pó de uma multidão
que nunca poderíamos evitar.

06-07-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Quinta-feira, 3 de Agosto de 2000
Assunto: _____

está bem.

hoje acabei de perder a dor que já não
tinha,
num canto quadrangular da televisão,
dentro de um fio de palavras,

sensacionais,
escritas frenéticas
a caberem de forma exacta
no escasso minuto
matemático
de um importante telejornal.

onde é que tu estás?

03-08-00

também ouviste dos
milhares que morreram,
os filhos de um amor que não o nosso,
que caíram debaixo
de um tiro errado
enviado por engano,
por erro informático,
para calar o choro
daquele menino ímpar
que brincava no colo da mãe?

onde é que tu estás?
eu estou só,
o corpo na cama do meu apartamento vazio
entre milhões. os filhos não existem.

mas eu existo,
na noite rubra da pele do teu ecrã,
está bem,
mas eu existo desde que o teu desamparo
albergou, como um ninho, o meu.

03-08-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Domingo, 13 de Agosto de 2000
Assunto: _____

ouviste o som das palavras que te escrevo?

ouve o bater dos
meus dedos nas teclas,
é a minha música, o teu encanto reflectido
na aspereza dos meus dias,
ásperos, só ásperos,
hoje o milagre de trás do tempo
é a tonalidade perfeita
de um sonho com mácula. tu estás
deitado, deitada.
ouve,
espero-te no fim do rio
que talvez não saibas que existe,
no meu pedaço de terra

de terra podre
da morte de gerações.

13-08-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Domingo, 20 de Agosto de 2000
Assunto: _____

nesse pedaço de terra
que o mar comeu
com os olhos delicados de um monstro,
constrói-se e destrói-se a tua amargura,
sem sequer que os teus olhos pisquem.
não queres a vida nem esperas a morte.

eu, atrás do denso biombo da vida,
roubo ao tempo
o que ele já não me pode dar:
o sopro regular
que sincroniza os traços que nos encostam,
compreendes,
o vento suave e erótico de uma respiração,
e o apalpar dessa mesma amarga fúria
para que não se dilate.
esse tempo, compreendes, já não o tenho.
desejo-o e já não o tenho.

20-08-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quinta-feira, 31 de Agosto de 2000
Assunto: _____

31-08-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 11 de Setembro de 2000
Assunto: _____

não desistas de mim ainda,
não me feches os olhos abertos.
o medo mata os homens e as mulheres que
fogem antes das moscas.
volta por favor, ainda falta todo o tempo que
o mundo nos der.

11-09-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quarta-feira, 20 de setembro de 2000
Assunto: _____

a dor,
essa virtude nauseabunda,
cerca o meu hálito,
destrói a ordem de todas as minhas coisas,
as tuas e as minhas que ainda não
desvendaste
as que são um segredo,
as que fugi e agora também partem
as que o mundo, o espaço, algum tempo,
nos fariam saber,
se o tempo que não existisse houvesse

e explodem, como um arco
afastando mais uma vez as folhas do
outono.

é tarde, sim, é antes ainda de ser tarde.

20-09-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Domingo, 1 de Outubro de 2000
Assunto:

a vulgar visão do espaço em dois,
maiúsculo e minúsculo,
somam a lacónica ruptura desta intrusão
no teu espaço
que sempre julguei distante
e alçam duas histórias iguais, que antevejo:
a teu lado, a morte,
tão longe que só hoje me falas dela,
desse pedaço do teu tempo
que cumpres regularmente...

por teu dentro, desta minha breve aparição
(de que te arrependes?)
que está mais próxima de ti que o teu
corpo,
eu sei,
pois cumpre-se o mesmo no meu,
também virá em breve amorte,
amo-te, a morte,
esse negro ruir.

01-10-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Sexta-feira, 20 de Outubro de 2000
Assunto:

não sei nada
nem nada me interessa saber,
mas de nada me arrependo.

não sou nada,
apenas a metamorfose
do céu que caiu,
a estrela, por momentos brilhante,
agora a mais apagada no grosso manto
negro.

todos me vêm durante o sono,
toda a cidade antes incendiada,
me vê nos olhos fechados
da morte nocturna,
a tua morte que se torna minha,
mais a outra morte que me acompanha,
e eu arrastando os pés de Aquiles
pelo meu corpo e por mim,
o eterno calcanhar.

20-10-00

ergo-me do cansaço, depois de despertar da ausência, do rombo patinar da carne na milésima volta diária a si mesma, em todas os mudos dias que a minha existência agora percorre.
hoje tenho a voz que me deste, páginas brancas, o horror da vida e o sabor do espaço infinito onde tu te encontras. até amanhã.

20-10-00

De: Paratii <paratii@penumbra.org>
Para: Ágila <agila@penumbra.org>
Data: Sexta-feira, 3 de Novembro de 2000
Assunto: _____

saber que vais estar aqui amanhã tem um poder mágico , não obstante, se este prazer é em si mesmo o prazer, a exaltação, a dor, não é só o que significa estar vivo. até quando ficarás? dar-te-ia o meu futuro...
o que me tiraram,
todo,

se pudesse
se não soubesse
que
a morte

também corre a sepultar-te, se deixares os veios de sal te comerem o pensamento.

amanhã já não me erguerei.

adeus.

onde tu estiveres, eu também estarei.

03-11-00

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Quarta-feira, 15 de Novembro de 2000
Assunto: _____

dissolve-se toda a camada protectora
fica o meu grito:
de que cor, de que substância é o
fio que une um corpo estagnado a outro
os enrola no mesmo casulo
e revoga para outra larva
a mesma borboleta insana e doce.

uma sombra negra
leva ao túmulo
a vida que me oprime com o seu batimento
regular
e nega a tua, vossa, ausência.

devolve-me o mesmo minuto
em que te deixei,
se tu és a mesma, o mesmo lugar,
em que um dia deixei de acreditar
e fiz desaparecer.

15-11-00

Procuro-te pela casa, revisto os cantos e as
gavetas, revisto o mundo inteiro no ecrã do
computador.

De: Ágila <agila@penumbra.org>
Para: Paratii <paratii@penumbra.org>
Data: Segunda-feira, 20 de Novembro de 2000
Assunto: _____

Não te encontrei.

Adeus.

20-11-00

O correio entre os dois terminou nesta data.

Ágila, ao lado do mesmo momento em que perdeu todas as palavras, toda a vida, plena, que alguma vez tinham sido suas (esse momento sublime do amor), perdeu também, nesse mesmo momento, a companheira com quem vivia e com quem, há anos, não trocava uma palavra intensa e verdadeira de amor.

Apercebeu-se, horrorizado, da gigantesca penumbra do acaso e ficou cercado de ser só.

Por vezes, dizem alguns, quem olha não vê. Quem vive perto está tão longe como o outro lado do Universo, quem está vivo dorme.

Por vezes, dizem outros, é menos amarga a morte do que a insana angústia que rodeia estar vivo.